

e de 228,25 ienes para 228,5.

# Banco de Paris acha que Brasil melhora posição

10 OUT 1981

O banqueiro Jacques Calvet, presidente do Banco Nacional de Paris - o quarto maior banco do mundo - que veio ao Brasil para contatos com empresários, autoridades e dirigentes do Banco Cidade de São Paulo, de cujo capital o BNP participa com 45%, acredita nas possibilidades da economia brasileira, elogia o **rating** do país, que considera, hoje, infinitamente superior ao de 1980, e acha adequadas as medidas restritivas implantadas no Brasil.

Calvet, após revelar que a comunidade financeira internacional considera que o Brasil é, atualmente, um risco bem melhor do que era no ano passado, confessou que, no momento, a maior preocupação são as elevadas taxas de juros nos Estados Unidos, mantidas pela política do governo Reagan, que ele considera "perigosa para o mundo".

O Presidente do Banco Nacional de Paris ressalta, ainda, que as possibilidades da economia brasileira são muito grandes e elogia as prioridades dadas ao setor agrícola e energética, achando, inclusive, que em 1982 o País não terá dificuldades para obter novos recursos externos, especialmente se houver superávit na balança comercial em 1981 e se a taxa de juros baixar, embora não creia em grande redução da **prime rate** e da **Libor**.

Jacques Calvet considera grave o problema dos balanços de pagamentos dos países em desenvolvimento não produtores de petróleo ou que o produzam em quantidade insuficiente para prover às suas próprias necessidades. Admite que, por maior que tenha sido a contribuição dos bancos comerciais na reciclagem de recursos de países com superávit para países deficitários, além da ajuda do Fundo Monetário Internacional aos mais atingidos pela crise, ainda há muito a ser feito.

Em termos mais abrangentes, no que toca à luta geral contra a crise internacional, Calvet considera que "os esforços feitos até agora estão à altura do problema" e que "os países em desenvolvimento, além de enfrentar o aumento de preços do petróleo, sofreram as consequências da desaceleração geral do crescimento da economia mundial e viram cair os preços dos seus produtos agrícolas e, sobretudo, de matérias-primas minerais". Além disso - finaliza - "a recessão nos países industrializados atuou ainda como barreira à expansão das exportações de manufaturados dos países em desenvolvimento, que precisaram financiar seus débitos mediante o endividamento externo".

DIÁRIO DE SÃO PAULO